



52-2.385



O CORSARIO,

JORNAL LITTERARIO E DE CRITICA THEATRAL.

N. 5.

Sabbado 5 de Abril.

1851.

O CORSARIO.

THEATRO DE S. FRANCISCO.

Assistimos n'este theatro á representação do *Peregrino Branco, ou os Meninos n'Aldeia*. Houve uma numerosa concurrencia de espectadores na platêa e nos camarotes; e o espectáculo correu soffrivelmente desempenhado. Esta sociedade artistica, com especialidade o seu director, merecem todos os encomios, e as mais sinceras felicitações da imprensa, pelos esforços, energia e sensatez com que tem mettido hombros a uma empresa deste genero, e vencido com tanta coragem os innumerados obstaculos, que lhes eram inevitaveis.

A gloria d'esta noite cabe inteira á Sra. Montani. Foi ahi que a joven artista se revelou n'um papel difficiloso, n'um caracter forçado, podemos dizel-o, uma actriz que em breve será a rainha do Palco Brasileiro. O desempenho do seu papel, perfeitamente comprehendido, já na expressão de todas as suas palavras, já nos seus naturalissimos movimentos, foi brilhante, e podemos

affirmal-o, sem competidor. Toda a energia da mocidade, todo o viço d'uma flôr que sente de dia para dia a seiva desenvolver-lhe a vida, toda a potente indignação com que uma alma de fogosos instinctos, se revolta ainda no primeiro quartel da existencia, contra as idéas de despotismo, de maldade, de oppressão, foi soberbamente desempenhado pela Sra. Montani, que de momento para momento redobrava d'esforços, sentia todo o interesse d'aquelle mimoso papel, e executava-o com uma naturalidade impossivel de se descrever.

A Sra. Orsat, apesar de não ter podido n'esta noite competir com a sua rival, merece todavia que a protejam, animem, e se não esqueça o seu inquestionavel merecimento. O publico, que soube premiar a Sra. Montani, não foi tambem ingrato para com a Sra. Orsat. Ouvimos com prazer repetirem-se juntos os nomes das duas estimaveis jovens; e com mais prazer ainda vimos, que os adoradores da Sra. Montani, corôando esta, não esqueceram cingir de mimosas flores a fronte d'aquella!—Merecem-no!

Os mais senhores desempenharam cuidadosamente os seus papeis, e são merecedores da protecção publica.

Meditações de um homem do seculo.

I.

Tremei povos da terra! a tribuna foi invadida! A voz da imprensa transformou-se em um berro produzido por irasciveis rancores. Já nada se respeita; as mais altas funções da escala social, são repizadas por dois órgãos da imprensa desta côrte, que já vão por nossa desgraça tomando um lugar muito conspicuo no mundo litterario! O universo conhece já o *Corsario* e o *Orsatista*, tem intimidade com elles, bebe a tragos a suas doutrinas dissolventes, como bebeu Socrates a cicuta nas masmorras de Athenas.

O *Corsario*!... foi bem achado este nome! Elle navega pelo mar da intelligencia, despreza os limos da maré, desenrolla o seu pavilhão, e é o flagello de todas as intelligencias contemporaneas! O *Orsatista*, este *orsa* pelo fanatismo da idade media, sendo tanto mais perigoso ao espirito do seculo, quanto usa de uma linguagem ensopada em tinta, ardente como um ataque nervoso, incisiva como a ponta de um colxão! Tomai conta em vós, oh Nações que tapetais a face da terra! De outra maneira os dous periodicos citados ameaçam destruir-vos! Destruir-vos, sim, por que não ha nada mais destruidor do que uma maçada, por que uma maçada que dura, é o mesmo que recorrer á botica de Nobrega, na rua Direita n. 16, ou á homœopathia—isto é, á morte sem remissão alguma!!!

Se vos descuidaes, esses dous atheletas do theatro, serão a vossa espada de Damocles, o vosso *Chauchemar*, o vosso duende, o vosso inferno!

Afunde-se o *Corsario*, ás bombardas de uma critica imparcial e severa, e uma região d'harpías carregue ao *Orsatista*, ao theatro e ao mundo!

PLATÃO.

—

O sonho do « Montanista. »

Era uma noite tenebrosa, negra—negra como a consciencia de muitos juizes de primeira vara—noite de vento, noite de chuva, noite de lama—E eu estava nos confins do beco dos Cachorros—triste, taciturno, pensativo (eu, e não o beco). Por baixo do marco de uma

porta esperava, que serena-se um tanto a chuva, que n'aquelle momento cahia como as lagrimas juntas de todos os espiritos invisiveis, que pranteassem n'um dia de dôr as misérias todas d'este mundo! A solidão, a noite, o vento, o som longinquo de um sino que annunciava com a sua voz de metal, á cidade desmaiada, essa hora de meia noite, hora em que o criminoso se desliza entre as sombras, que o feliz amante espera com impaciencia, que a enamorada donzella aguarda vacillante e tremula, tudo, tudo contribuia a exaltar a minha imaginação, a infundir-me uma especie de terror que dava vida, formas, voz e movimento a quanto em torno me cercava.—Mas, ó meu Deus, que é isto? que vejo? que fantasma, que duende, que espectro é aquelle que ali está?—Oh! que horror! A' luz baça e moribunda de um lampeão embalouçado pelas rajadas de um vento humido e frio, vi uma figura de rosto pallido, pallido como um ovo de pato!... Tinha os cabellos hirtos, espetados, os olhos como duas lanternas de funario lume... O nariz em forma de um terrivel anzol, a fisionomia toda era mais a de um condemnado, que a de um ser humano. Quiz fugir—não pude—Quiz fallar—affogouse-me a voz na garganta—. Fiquei mudo, horripilado, sem movimento. E o espectro começou a fallar.—O' que voz!! era o zurrar de um asno endefluxado, era o rugir de uma serpente em colicas, era o grunhido de uma porca no momento sublime de ter os seus innocentes filhos.—E esse zurrar, e esse silvo, e esse grunhido se refundiram n'uma só palavra que retumbou no beco dos Cachorros.—*Grammatica! Grammatica! Grammatica!*... Reinou de novo um estúpido silencio... o spectro cahiu de bruços na lama—solluçava, rangia os dentes, comia terra! —De repente levanta-se, agita-se, estorce-se todo, e com um accento profundo de desesperação prorrompe nas seguintes palavras: — «Oh! *Grammatica*, ó adoravel e sem par *Grammatica*! Não bastava á minha desventura, que tu me não amasses! Os fados quizeram affundar-me mais e mais n'um pelago de tormentos e martirios—. Fiz-me teu campeão, para merecer-te ao menos um sorriso, ao menos uma palavra de consolação. Entrei na liça com a alfoiteza de um amator rendido e leal—mas oh! apenas diante dos meus adversarios, medi o abismo a que me tinha precipitado, comprendi então que eu

era... que eu era um estúpido, e que ia sem remédio comprometter o teu partido, e a tua causa—fiz esforços inauditos para sahir de posição tão dura—impossível!—um peso de chumbo gravita sobre a minha intelligencia, affoga-a, e torna-me o mais fastidioso e magador de todos os mortaes.—Eis-ahi a causa da minha pena.—Não bastava o teu desamor, ó meu Deus, estava escripto que eu tambem seria o instrumento de tua perdição! E o homem louco desapareceu nas trevas, dando de encontro ás pedras e ás paredes. — Só de de vez em quando, se escutava ao longe, um gemido infernal, acompanhado de uma voz que repetia, *Grammatica, Grammatica, Grammatica!* Estava escripto que eu seria o instrumento de tua perdição!

COMMUNICADO.

S. D. P.

CALLIOPE. (*)

*Vos bons mots quelquefois font rire la sottise ;
Mais toujours l'honnête homme en secret vous méprise.*

GASSE.

Sr. *Linguica*, tenha uma pouca de paciencia, encarando ainda estas duas linhas de francez, que a sua bondade seguramente nos desculpará. Quem deixará de ver no Sr. *Linguica* o célebre autor do primeiro artigo ácerca da Sociedade Calliope? Novo Protheo, talvez ainda se transforme... (quem sabe em que?) afim de continuar na honrosa tarefa que se impoz, de deprimir a pobre Calliope, que teve a infelicidade de incorrer no soberano desagrado do Sr. *Linguica*, e de outros *ejusdem purpuris*. O seu artigo inserto no n.º 3 do *Montanista*, nos velo claramente demonstrar, que o novo *Ferrabraz* não podendo com a sua temível *Durindana*, (já vê que tambem sabemos o Carlos Magno?) sustentar a grosseria do seu primeiro artigo, vio-se obrigado a metamorphosear-se afim de dirigir uma pequena censura ao redactor do *Montanista*, por ter na sua critica, mencionado o nome de um dos socios, que nessa noite entrou em scena!! Querem mais claro? Eis-ahi o Sr. *Linguica* sustentando e provando a justiça que presidiu ao nosso artigo, quando repellimos e censurámos um tal proceder; proceder que elle proprio julga reprehensivel! Baldo de argumentos afim de poder contrariar a materia do nosso artigo, que constou quasi todo da analyse desse acto; proprio de pessoas que ignoram intelramente as conveniencias sociaes, o Sr. *Linguica* vio-se compellido a lançar mão das expressões de *capadocio*, proprias da *tarimba*, e limitou-se a sustentar que o Jacques Clemente fol enterrado! Permitta-nos que nesse ponto declinemos do seu *verdict*, e apellamos para a maioria das pessoas que assistiram a execução do drama. Não temos a vaidade de pretender dar conselhos a ninguem, especialmente ao Sr. *Linguica*, se porém nos fosse permitido emittir-lhe uma opinião, dir-lhe-hia-mos que procurasse outra materia, afim de, desenvolvendo a sua logica formidavel, encher as columnas do *Montanista*, de cuja re-

(*) Não demos publicidade a este artigo ha mais tempo, por falta de espaço.

dacção, o julgamos um digno *acolyto*. Bom é que o Sr. *Linguica* saiba que temos uma arte, que aprendemos. Poder-se-ha dizer outro tanto de sua pessoa? Não sei. Com a fronte erguida na sociedade, não temos capote, nem portanto receio algum de que o rasguem. Poder-se-ha dizer o mesmo de sua pessoa? Não sei. O que sei é, que o Sr. *Linguica* dá esperanças...

Ignoramos que alguém recitasse pedaços dos Dous Renegados, e acreditamos isso, mais um parto da *imaginação fogosa* do Sr. *Linguica*, cujo olhar é tão activo e prespicaz que de um só jacto, vio rirem-se como desesperados, os convidados, o porteiro, as figuras que estavam em scena, o Rei, a musica, e até o proprio Caiador, que a policia vigilante do Sr. *Linguica* já descobriu quem é! Cuidado! Que se não engane, e vá abraçar a nuvem por Juno!

Se o Sr. *Linguica* quando escreveu o seu artigo tivesse a seu lado a nossa brocha, não se *cataria* tão mal na transmutação que em si operou; e por isso deve conhecer e confessar que ao menos, para borral-o... (de cal, bem entendido) algum prestimo tem

O CAIADOR.

A MINHA BONIFACIA.

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella
Quem entre os goivós te esfolhou da campã?

GARRET.—(Camões.)

Bonifacia, Bonifacia,
Serafim, deusa, mulher,
Vamos comer e beber;
Vamos beber, Bonifacia? !...

Meu encanto!... Bonifacia,
Estou doído!.. Das-me um beijo?
Toma um naquinho de quelijo
E' de Minas... Bonifacia...

Que gostinho, Bonifacia,
Que tens tu? Teu peito arqueja?...
Toma um copo de cerveja
Bebe-o todo... Bonifacia! !...

Zomba de toda a falacia,
Aqui tens o teu chi chi,
Teu *petit chat* teu li li;
Outro beijo, Bonifacia!!

Se eu governasse na Tracia,
Lá te faria Rainha!
Só comerias galinha,
Só galinha!... Bonifacia!

Da-me um beijo... Mas que audacia?!
Quero mais dez, e mais cem;
Hoje não tenho um vintem,
E' o mesmo, Bonifacia!...

Donzella llena de gracia!
Meu encanto, meu thesouro,
Mais um beijinho ao teu louro,
Ao teu louro, Bonifacia!

Tristes recordações do tempo antigo,
Bonifacia morreu?! !...

E ella era comigo a sós no mundo,
Da noite na soldão, n'uma taberna,
A comer e beber...
E cantava comigo em tardas horas,
E bebia cerveja nos meus braços...
Bebia como louca! !...

E um copo no chão quebrar-se foi
Leve rossando o seu virgineo seio
Ha mais de meio seculo!
E nos olhos azues lhe scintilavão
Sobre o rosto arroxado das moafas
Mil fogos rutilos!

E ella era comigo a sós no mundo.
Ella era o meu boré, minha arassoia,
Era o meu sabiá!
Era tudo que dizem os poetas,
Era o que elles dizer nunca souberão,
A minha Bonifacia!...

Era linda, como é linda
Do champanhe a alva espuma!
Era casta, como é casto
O bico de uma verruma!...

Era pura, como é puro
O vinho de Portugal!!
Era alva, como é alva
A camara municipal?!!

Era doce, como é doce
Um copo de jerupiga!
Era meiga, como é meiga
Uma innocente lombriga!

Era lêda, como é lêdo
Um sultão no mundo só!!
Era loura, como é louro
Um naco de pão de ló!!...

Era terna, como é terno
Um mimoso bofetão!!
Era santa, como é santo
O bruto do meu patrão!

E ella era comigo a sós no mundo,
Ella era o meu boré, minha arassoia
Era o mem sabiá,
Era tudo, que dizem os poetas,
O que elles dizer nunca souberão,
A minha Bonifacia.

O Xi Xi apaixonado.

A um Grammatico.

(PARODIA.)

Por tuas palavras mocas
Trago eu negro o coração,
Sempre a pedir-lhe—juizo
E ellas a dizer, que não!

E mais, quem déra, que fossem
O que, infeliz, não serão!
Aos tolos pertence o mundo,
Mas fiar-me eu n'elles, não!

Em fim, mesmo assim, me serves,
Que em te chegando a paixão,
Se uma vez te prendo as redeas,
Não tomas o freio, não!

CHARADA.

Assim faz a virgem bella,
Em seu jardim divagando. }
Pára e córa, ri-se ou chora, } -1
Muitas vezes suspirando. }

Assim chamavão as donas
De mais nobre geração, }
Que tinham nos reaes paços, } -2
Dos monarchas a affeição. }

*Por ella quantas saudades,
O Tasso immortal soffreu!
Quantas magoas, que tristezas
Em duros ferros gemeu!*

*Hoje de rara belleza
Outra mais gentil fulgura,
Que novo amor, novas chammias
Em novos peitos apura!*

*Na scena seu nome é bello,
Herdeira de tantas palmas,
Tem nos olhos seductores,
Mil cadeias para as almas!*

A' ULTIMA HORA.—Dialogo.

— *Montanista*, grammatico, reitor, ignorante, sandeu, asno, dá cá a mão!

Tu pensas, que publicar artigos pela imprensa, é o mesmo que fazer bóllas de sabão? Julgas que a critica, se fecha no dylema inevitavel de dizer uma asneira, ou fazer um plagiato? Não te dirigimos duas palayras, que não sejam no outro dia vergonhosamente imitadas por ti? Pensas que haviamos de ficar sempre no mesmo terreno—e não passar-mos do *dize tu—dizei eu?* Não senhor.—Vais levar muita palmatoada.

— Piedade, senhor, piedade...

— Para que dizes asneiras?—Para que queres tu emmendar grammatica, se nem sabes, que um ponto se põe sobreum i??

— Ai! Ai! Ai!

— Para que atiras tu pedras em quem passa pela rua?—Dá cá a mão! Por esta vez, meia duzia, só meia duzia de palmatoadas!

— Perdão, perdão, eu não torno mais... nunca mais na minha vida, juro, prometto, dou a minha palayra de honra!

— Uma... duas... tres... quatro... cinco... seis, meia duzia!

O pobre chorava lagrimas tremendas, grandes, pardas, negras, retintas em todas as côres tenebrosas, que costumam ter as aguas da Carioca depois d'um dia de chuva.

Mandámo-lo para casa, depois de lhe fazer-mos limpar o rosto com um periodico, que compromette o talento da Sra. Montani.

Porém, a criança, como é atrahiliaria ainda quiz atirar-nos de longe com um *verbo*, mas não poudo, por que ficou espetado em um *nome proprio*!!!